

***Farmácia e Medicamentos I Guerra Mundial: Portugal no Contexto Europeu*** – JOÃO RUI PITA

*Faculdade de Farmácia e CEIS20, Universidade de Coimbra*

[jrpita@ci.uc.pt](mailto:jrpita@ci.uc.pt)

A I Guerra Mundial surge num período de alterações profundas na problemática da farmácia e do medicamento. Desde logo, assinala-se, como um dos pontos chave, a crescente industrialização do medicamento. Por toda a Europa e América se assiste à consolidação de indústrias farmacêuticas já existentes e ao surgimento de novas indústrias destinadas à produção de medicamentos. Algumas são elementos essenciais no esforço de guerra, tanto em Portugal (caso da Sicla) como no estrangeiro. Assinale-se a introdução na terapêutica de novas substâncias activas, de novos medicamentos, da consolidação de novas formas farmacêuticas como, por exemplo, os comprimidos e injectáveis. A 1ª Guerra Mundial teve consequências a este nível: provocou um moldar da produção ao momento que se vivia e foi notório o trabalho executado por diversas indústrias no fornecimento de medicamentos e outros produtos medicinais aos exércitos. A problemática do medicamento, habitualmente considerado como curativo, estendia-se aos anestésicos, à prevenção, etc., e também aos desinfectantes e aos produtos tóxicos (como a utilização dos gases de guerra). A química tem um papel de plataforma giratória para outros campos, especialmente para a higiene e a microbiologia. Isto encontra-se muito claro em diversos textos publicados na época sobre técnicas de saúde militar. Mas a guerra proporcionou, também, a abertura de novas áreas; por exemplo, o gás mostarda, utilizado como gás de guerra, esteve na base de novos agentes medicamentosos.

O papel do farmacêutico militar não passava despercebido tanto na retaguarda como nos campos de batalha. Em 1917, o *Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana* noticiava que haviam partido vários farmacêuticos para trabalhar em hospitais, ambulâncias e laboratórios, “os primeiros incorporados no corpo expedicionário português”. Ainda na mesma notícia refere-se: “É altamente importante o papel do farmacêutico em campanha, preparando os medicamentos de urgência, velando com zelo pela conservação e oportuna distribuição dos pensos e todas as fórmulas

requisitadas, procedendo às análises de águas, alimentos obtidos na região evitando casos de envenenamentos” (*Jornal da Sociedade Pharmaceutica Lusitana*, 1917, p. 108). Na verdade, o papel do farmacêutico não se limitava à simples produção dos medicamentos. Era um agente sanitário público. E a consciência disso passava, também, pelo ensino farmacêutico. Por exemplo, em 1918, ensinava-se nas Escolas de Farmácia portuguesas, entre outras matérias, no domínio das análises toxicológicas, as “análises toxicológicas das águas de alimentação nos laboratórios de campanha” (apontamentos manuscritos do professor da disciplina da Escola de Farmácia de Coimbra, A.J.Pita, em 1918).

Na presente comunicação, o autor faz uma síntese do contexto farmacêutico entre 1914 e 1918 e trata das especificidades farmacêuticas e medicamentosas mais relevantes. Como estudo de caso trata da farmácia em Portugal, tendo como tópicos essenciais a presença de farmacêuticos militares portuguesas na I Guerra Mundial, a organização dos serviços farmacêuticos do exército e a prática da farmácia nos campos de batalha, tendo como pano de fundo os ecos surgidos na imprensa geral e especializada.